

REPRESENTAÇÕES DA VELHICE NAS CRÓNICAS DE RUI DE PINA, DE D. SANCHO I A D. AFONSO IV

JORGE ANTÓNIO ARAÚJO*

Resumo: *O artigo aborda as representações da velhice nas crónicas de Rui de Pina, tomando por base especificamente as que vão de D. Sancho I a D. Afonso IV. Procurando contribuir para um melhor entendimento das ideias e das representações relacionadas com a senioridade em Portugal no final da Idade Média, o autor conclui que, se existe algum elemento crítico apontado à velhice, ele não tem que ver com um ideal estético ou uma fealdade física, mas antes com a doença e o sofrimento do corpo. Nesse sentido, é possível dizer que a obra cronística analisada reflete os modelos do seu tempo.*

Palavras-chave: *Velhice; Rui de Pina; Crónicas de D. Sancho I a D. Afonso IV.*

Abstract: *The article discusses the representations of old age in the chronicles of Rui de Pina, taking as a basis specifically those from D. Sancho I to D. Afonso IV. In attempting to contribute to a better understanding of the ideas and the representations related to seniority in Portugal at the end of the Middle Ages, the author concludes that if there is indeed a critical view of old age, this is not due to any aesthetic ideal or to physical ugliness, but rather to illness and corporal suffering. Thus, it is possible to conclude that the chronicles which were analysed reflect the models of their time.*

Keywords: *Old age; Rui de Pina; Chronicles from D. Sancho I to D. Afonso IV.*

O presente estudo acerca das representações da velhice nas crónicas de Rui de Pina resulta na primeira apresentação pública que fazemos desde que, há poucas semanas, demos início a um programa de doutoramento em História, com um projeto intitulado *Rui de Pina: um Cronista Global*.

Enquanto preparávamos o projeto para apresentar à FCT, e à medida que íamos conhecendo e tomando contacto com os textos cronísticos de Rui de Pina, fomos cruzando com uma série de referências e de caracterizações relativas a «velhos» e à «velhice», que considerámos pertinente trazer a este colóquio. Centramo-nos especificamente nas crónicas de D. Sancho I a D. Afonso IV, em parte por serem aquelas a que maior atenção daremos no nosso programa doutoral, mas também por consensualmente se considerar que constituem um conjunto coeso e autónomo face à restante obra de Rui de Pina.

O nosso objetivo com esta apresentação consiste em procurar contribuir para um melhor entendimento das ideias e das representações relacionadas com a senioridade

* Universidade do Porto. Email: jorgemontanhaa@sapo.pt.

em Portugal no final da Idade Média, neste caso a partir de uma fonte historiográfica. Posteriormente, pretendemos cruzar as representações encontradas nestas seis crônicas de Rui de Pina com outras referências medievais às *idades do Homem* e à senioridade, sobretudo as produzidas no âmbito da corte de Avis ou nas possíveis fontes utilizadas pelo cronista.

A história da velhice e o estudo das suas representações, particularmente no período medieval, conheceu importantes avanços a partir da segunda metade do século XX, à medida que as ciências sociais foram alargando o seu campo de investigação e que as condições sociodemográficas do Ocidente colocaram o tema do envelhecimento na ordem do dia. Se tanto na historiografia anglo-saxónica como nas historiografias de língua francesa e espanhola encontramos já vários trabalhos de referência, entre visões panorâmicas e estudos mais delimitados, em Portugal o tema parece não ter merecido ainda a devida atenção.

A esta ausência de estudos não será certamente alheia a dificuldade do tema. Como bem referiu Simone de Beauvoir, para as sociedades antigas como a da Idade Média, é difícil estudar a condição da senioridade, pois os documentos raramente lhe fazem referência, estando os velhos integrados no conjunto dos adultos, sem pertencerem a uma categoria social específica e distinta¹. Nas palavras de Georges Minois, também as teorias das *idades da vida*, tão em voga no período medieval, «não passam de dissertações abstractas ou jogos intelectuais, que não englobam nenhuma distinção prática»². Quanto à utilização da cronística enquanto fonte para o estudo do tema, diz-nos o mesmo autor que, em geral, os mais velhos estão ausentes das narrações e dos grandes relatos cronísticos³. Colocados já de sobreaviso, importa, até para uma plateia que possa não estar tão familiarizada com o assunto, passar a introduzir o nosso cronista e as fontes estudadas.

Rui de Pina, natural da Guarda, terá nascido por volta do ano de 1440 e falecido em torno de 1522, segundo afirmaram os seus principais biógrafos⁴. Foi escrivão e diplomata de D. João II e encarregado pelo mesmo rei, conforme carta régia de 1490, de escrever os feitos do reino, ainda que como cronista oficial se mantivesse Vasco Fernandes de Lucena. Com a subida ao trono de D. Manuel, foi nomeado cronista-mor do reino e guarda-mor da Torre do Tombo e da Livraria Real, em 1497, mantendo-se no cargo até à morte, sucedendo-lhe o seu filho Fernão de Pina.

¹ «Les documents dont nous disposons n'y font que très rarement allusion: on les assimile à l'ensemble des adultes. [...] Le vieillard, en tant que catégorie sociale, n'est jamais intervenu dans le cours du monde. Tant qu'il conserve une efficacité, il reste intégré à la collectivité et ne se distingue pas d'elle: il est un adulte mâle d'un âge avancé. Quand il perd ses capacités, il apparaît comme *autre*» (BEAUVOIR, 1979: 141-142).

² MINOIS, 1999: 15-16.

³ MINOIS, 1999: 16.

⁴ Cf. ALMEIDA, 1977: X-XIX.

São nove as crônicas assinadas por este cronista. Terá começado pela crônica de D. João II, que em 1504 já estaria pronta, juntamente com a de D. Afonso V. Seguem-se a crônica de D. Duarte e só depois as crônicas da primeira dinastia — as que aqui analisamos —, provavelmente a partir de 1514⁵. Graças a autores como Magalhães Basto, Silva Tarouca e, mais recentemente e de forma mais completa, Filipe Alves Moreira, é hoje incontestável que grande parte destas seis primeiras crônicas tem como fonte-base a *Crônica de Portugal de 1419*, que tantos alvitram correspondem às famosas crônicas *perdidas* de Fernão Lopes. De resto, já no século XVI João de Barros e Damião de Góis disseram ser estas crônicas um aproveitamento de outras mais antigas, chegando mesmo este último a lançar a ideia, que fez escola, de uma apropriação da obra de Fernão Lopes por parte de Rui de Pina. A discussão em torno dos supostos *plágios* deste cronista, que continuou nos séculos seguintes, vê-se hoje ultrapassada pela alteração de paradigma quanto ao carácter autoral medieval. Todavia, importa levá-la em consideração, para que tenhamos presente a possibilidade de as referências encontradas à velhice estarem também em textos anteriores e de serem reflexo de uma mentalidade e de circunstâncias mais antigas, não necessariamente exclusivas ou correspondentes às dos contemporâneos do início do século XVI.

O que hoje se nos afigura certo é que estas seis crônicas dos monarcas da primeira dinastia podem ser vistas como um todo coeso e diferenciado face à restante obra de Rui de Pina, tanto que contêm um só prólogo, assim se justificando a nossa delimitação. Para esta análise quisemos começar por elencar as personagens explicitamente descritas como *velhas* ou a propósito das quais se refere a sua muita idade. Se em grande parte dos casos essa identificação é clara e imediata, outros há em que não se revela tão óbvia a categorização. Por exemplo, diz-nos Rui de Pina que Sancho I de Portugal e Afonso VIII de Castela morreram com pouco menos de 60 anos de idade⁶, mantendo-se ambos com bastante atividade até perto do final da vida. Poderíamos ser levados a pensar que, para esta época, alguém com uma idade compreendida entre os 50 e os 60 anos gozaria já de um estatuto respeitável relativamente à sua longevidade. Porém, a verdade é que em momento algum o cronista dá particular ênfase a esse aspeto, e as próprias teorias sobre as *idades do Homem* não são taxativas. Para além de existirem diferentes modelos de divisão das idades, o modelo isidoriano, do século VII, provavelmente o mais difundido ao longo do período medieval, faz suceder à juventude, que termina aos 50 anos, um período de *gravitas*, até aos 70, que é, segundo o próprio arcebispo de Sevilha, uma etapa de *declinatio* entre a *iuventute* e a *senectute*, não se confundindo já com a primeira, mas

⁵ MOREIRA, 2013: 58.

⁶ As idades que doravante referirmos são as indicadas por Rui de Pina, não nos cabendo aqui discutir a sua exatidão ou veracidade.

não pertencendo também ainda à segunda⁷. O modelo descrito por Dante, porém, a partir de Alberto Magno, faz suceder imediatamente a *senectude* à juventude⁸, aos 50 anos, sem qualquer tipo de transição. No plano dos autores portugueses, e particularmente da dinastia de Avis, esta última perspectiva encontra correspondência, por exemplo, nas considerações de D. Duarte sobre o assunto, no primeiro capítulo do seu *Leal Conselheiro*⁹, ao passo que o Condestável D. Pedro, em *Sátira de Infelice e Felice Vida*, opta por seguir o modelo isidoriano¹⁰. Mesmo dentro da velhice é possível identificar diferentes níveis ou estádios, consoante os autores, levando-nos tal diversidade a perceber o quão difusos e incertos podem ser estes conceitos, e o quão difícil é também uma categorização com base nestes modelos.

De entre as personagens para as quais temos, nas crónicas em análise, indubitáveis representações da velhice, importa começar por destacar D. Afonso Henriques. A sua muita idade é constantemente referida e valorizada, passando a extraordinária marca dos 90 anos, segundo Rui de Pina. Diz-nos o cronista que só aos 84 anos o primeiro monarca português, «por indesposição de sua pessoa»¹¹ e por não poder já cavalgar desde que partira a perna em Badajoz, entregou definitivamente o comando da guerra e conquista contra os infiéis ao seu filho D. Sancho. Os feitos de Afonso Henriques, porém, não terminam por aqui: é aos 85 anos que recebe finalmente o reconhecimento papal face à sua intitulação enquanto Rei de Portugal, e ainda aos 90 anos a simples enunciação do seu nome, ou o aparecimento da sua imagem ao longe, «assentado em hum carro»¹², é o suficiente para fazer tremer o inimigo e dar confiança na vitória às hostes portuguesas¹³. A idade, em D. Afonso Henriques, confere-lhe uma aura de grande respeito, experiência e maturidade, reveladas, por exemplo, naquela «excellente fala»¹⁴ que terá dirigido a seu filho D. Sancho, aquando da passagem do testemunho no comando da guerra — «muy dina de tal Pay, e de Rey muy Catolico, e taõ bom Cavalleyro»¹⁵ —, ou na capacidade de, perante a ameaça do Miramolim de Marrocos, ser capaz de ver logo o futuro, como prudente e exercitado guerreiro¹⁶. Chegado à altura em «que por graveza da carne jáa nom podia exercitar

⁷ «Quinta aetas senioris, id est gravitas, quae est declinatio a iuventute in senectutem; nondum senectus sed iam nondum iuventus, quia senioris aetas [...]. Quae aetas a quinquagesimo anno incipiens septuagesimo terminatur» (ISIDORO DE SEVILHA, 1985: t. II, lib. XI, i, ii).

⁸ ALIGHIERI, 1952: 336.

⁹ Ao fazer suceder a *velhice* à *mancebia*, aos 50 anos. Cf. DOM DUARTE, 1999: 16-17.

¹⁰ DOM PEDRO, 1975: 20-23.

¹¹ PINA, 1977: 19.

¹² PINA, 1977: 24.

¹³ Referimo-nos ao episódio do cerco do Miramolim de Marrocos a D. Sancho, em Santarém, que leva a uma tentativa de socorro por parte de D. Afonso Henriques.

¹⁴ PINA, 1977: 19.

¹⁵ PINA, 1977: 19.

¹⁶ «e sabendo da vinda de Miramolim vendo loguo de futuro como prudente, como exercitado guerreiro» (PINA, 1977: 24).

algum dos seus propios, e muy acostumbrados officios de Capitaõ, e Cavalleyro»¹⁷, o rei recolhe-se a Coimbra e aí termina santamente a sua vida «despois de fazer seu solene Testamento»¹⁸, e de receber os necessários Sacramentos à sua alma. No entanto, mesmo quando morto se faz questão de testemunhar como o corpo de D. Afonso Henriques permanece «muy grande, e bem composto»¹⁹.

Outros monarcas portugueses são representados pelo cronista na sua velhice. D. Afonso III, por exemplo, deu casa em Lisboa a D. Dinis, seu filho, e principiou de lhe entregar parte dos trabalhos e cuidados do reino «sendo jáa velho de setenta annos, e perseguido de dores, e payxões de velhice»²⁰. Antes de morrer, poucos meses depois, preparou a sua morte, fazendo testamento, arrependendo-se dos seus pecados e recebendo todos os Sacramentos, «como bom Catholico, e fiel Christaõ»²¹.

Quanto a D. Dinis, diz o cronista que morreu aos 64 anos e que até ao fim da vida foi «sempre em todos seus feytos muy excellente»²², reconhecido e estimado «antre todos los Reys do mundo»²³. Também neste rei é valorizado o facto de ter um «muy craro conhecimento que hos dias de sua vida se acabavam»²⁴, bem como a preparação da morte, ao nível do testamento, da receção dos Sacramentos, da escolha de local de sepulcro e dos legados que deixou. Todavia, a imagem da velhice de D. Dinis é também a imagem da enfermidade, das «afiquadas dores, e payxoens da doença delRey»²⁵, que afinal, não obstante os seus «grandes tezouros»²⁶ e o manter-se tão excelente, se faz transportar «em andas, e em colos de homens»²⁷.

Curiosamente, é envolvendo D. Dinis e o seu filho D. Afonso IV que encontramos uma das representações de conflito geracional, entre velhos e novos, nestes textos. D. Afonso IV encarna perfeitamente, na *Crónica de D. Dinis*, a imagem da imaturidade e da precipitação da juventude, ao procurar antes do tempo aquilo que a natureza ainda lhe não quer dar²⁸, e servindo de modelo para uma lição sobre obediência e lealdade filial²⁹. A este propósito, diz-nos o cronista que nem mesmo na velhice, ou perante qualquer impedimento, tem o bom filho o direito de se apoderar da regência do pai³⁰, citando adiante palavras do Papa João XXII, que procuram

¹⁷ PINA, 1977: 15.

¹⁸ PINA, 1977: 15.

¹⁹ PINA, 1977: 16.

²⁰ PINA, 1977: 201.

²¹ PINA, 1977: 201.

²² PINA, 1977: 221.

²³ PINA, 1977: 221.

²⁴ PINA, 1977: 309.

²⁵ PINA, 1977: 309.

²⁶ PINA, 1977: 222.

²⁷ PINA, 1977: 309.

²⁸ «porque te trigas ante tempo por cobreres aquillo, que ha natureza ainda te nom quer dar?» (PINA, 1977: 299).

²⁹ Cf. PINA, 1977: 279.

³⁰ PINA, 1977: 281.

recuperar exemplos históricos de demonstração dessa lealdade³¹. No conflito entre pai (D. Dinis) e filho (D. Afonso IV), assume um importante papel de intermediação e apaziguamento a rainha D. Isabel, tal como acontece depois, já na *Crónica de D. Afonso IV*, no conflito entre este monarca e o seu genro, Afonso XI de Castela. Neste segundo, a rainha, já viúva e de muita idade, aparece-nos ainda como pessoa extremamente respeitada, capaz de ser ouvida pelo monarca castelhano e de o aconselhar sabiamente, desejando atalhar no começo os fogos da discórdia. Não obstante a assunção da sua idade e das «grandes infirmitades»³² de que padecia, e pelas quais «nom poderia soportar hos grandes encargos, e trabalhos da Religiam»³³, é já em velha, e um ano antes de morrer, que a rainha vai a pé até Santiago, «muy desconhecida, pedindo pello caminho esmolos aos fieis Christaõs com seu bordão na mão, & fardel ás costas como huma bem pobre romeyra»³⁴. Mesmo em relação à morte faz o cronista questão de exaltar as singularidades de D. Isabel, como o agradável odor exalado pelo seu cadáver ou alguns dos milagres que operou *post mortem*.

A oposição entre D. Afonso IV, já adulto, e o jovem seu genro, Afonso XI de Castela, marca a representação de um segundo conflito geracional, com nova crítica face à juventude. Ironicamente, o monarca português, que em tempos tanto havia exasperado seu pai, parece surgir enquanto exemplo de como a idade traz maturidade, discrição e ponderação, a ele se pedindo que dê o exemplo. Isso mesmo se esperava também de Afonso XI de Castela, «que assi como crescesse mais em dias que assim mingoiaria mays em seus erros, & vicios, e todo se emendaria»³⁵. Os maus instintos da juventude são igualmente colocados em destaque nas palavras relativas ao rei D. Pedro de Castela, que o cronista diz ter sido chamado *o Cru* «por suas abominaueis obras»³⁶ e «por sua infamia em idade de 15 annos»³⁷. Afonso IV morre aos 66 anos e, tal como os seus antecessores, goza da oportunidade de preparar a sua morte, desta vez também a nível político e sucessório, com o caso de Inês de Castro, acelerado, segundo Rui de Pina, precisamente pela velhice do monarca³⁸.

Mas não são apenas os reis portugueses as personagens representadas neste estádio. Para Afonso X de Castela, por exemplo, monarca que «até hos derradeyros

³¹ PINA, 1977: 299.

³² PINA, 1977: 309.

³³ PINA, 1977: 309.

³⁴ PINA, 1977: 378.

³⁵ PINA, 1977: 357.

³⁶ PINA, 1977: 464.

³⁷ PINA, 1977: 464.

³⁸ «& por aseseço, & conservação de seus Reynos, & das couzas de sua coroa que por respeyto da dita Donna Ines se poderião enlhear a mandasse matar por tal, que a ora da morte de elRey Dõ Afonso *que nõ podia muyto tardar pois era ja muy velho*» (PINA, 1977: 465); itálicos nossos. Também sentindo já chegada a hora da morte, o rei manda chamar Diogo Lopes Pacheco, Álvaro Gonçalves e Pero Coelho, os principais responsáveis pelo assassinato de D. Inês, aconselhando-os a fugirem do reino. Cf. PINA, 1977: 468.

dias de sua vida, sempre foy perseguido de grandes guerras, e muitas necessida-des»³⁹, temos uma imagem de «grande amor»⁴⁰ na relação entre avô (o próprio) e neto (D. Dinis), ainda na infância deste⁴¹, e entre o pai e a filha (D. Beatriz) que até à hora da morte o socorre, conforta e aconselha.

No grupo dos cavaleiros cristãos, quatro nomes devem ser salientados. Estevão Pires, cavaleiro de Santarém, «homem velho, e honrado, e de louvada vida, e costumes»⁴², que serviu a D. Pedro, conde de Urgel, filho de D. Sancho I, é, pelo muito que viveu e presenciou, utilizado como testemunha de acontecimentos passados, ou fonte de legitimação da verdade. Papel semelhante, ainda que num plano mais providencialista, é atribuído ao chamado Guardião de Tavira, «homem velho, & de boa vida»⁴³, que «das couzas antigas tinha boa memoria»⁴⁴, tornado capaz de interpretar visões à luz dos acontecimentos testemunhados no passado. Evoca este Guardião, ao interpretar uma visão tida pelo rei de Castela, Afonso XI, os feitos do Mestre de Santiago D. Paio Correia, referido na *Crónica de D. Afonso III* como alguém que, sendo já velho, acaba a sua vida «bem, e catolicamente»⁴⁵ — um outro exemplo de uma *boa morte*. O quarto nome a destacar é o de D. João Manuel, descrito na *Crónica de D. Afonso IV* como «homem já de idade»⁴⁶, mas que assume ainda, de «rosto alegre»⁴⁷, a dianteira do exército castelhano na Batalha do Salado, polarizando a esperança na vitória e a união entre os reis de Portugal e Castela, que consigo haviam de comer juntos na tenda real de Alibohaçem⁴⁸.

A terminar esta elencação de representações, não poderíamos deixar de apontar os casos muito particulares dos velhos *mouros* Anrife e Alcarás. Anrife, velho da Berbéria, «de muytas letras, & grãde authoridade»⁴⁹, é o primeiro a falar no conselho dos reis de Granada e de Marrocos, antes da Batalha do Salado, reconhecendo a força dos reis cristãos e recomendando a retirada islâmica até ao verão seguinte. Alcarás, homem «velho infiel Turco de naçam»⁵⁰, «grande guerreyro, & com assas

³⁹ PINA, 1977: 232.

⁴⁰ PINA, 1977: 195.

⁴¹ No episódio que leva D. Dinis até à corte de seu avô Afonso X de Castela, ainda em criança, a propósito das questões em torno da posse do Algarve. Mais tarde as relações serão de facto más e conflituosas. Todavia, na *Crónica de D. Dinis*, de Rui de Pina, tal como na crónica portuguesa mais antiga, pouco ou nada se diz sobre isso, ao contrário do que sucede na *Crónica de Alfonso X*. Cf. PIZARRO, 2005: 66.

⁴² PINA, 1977: 100.

⁴³ PINA, 1977: 408.

⁴⁴ PINA, 1977: 408.

⁴⁵ PINA, 1977: 197.

⁴⁶ PINA, 1977: 445.

⁴⁷ PINA, 1977: 445.

⁴⁸ «& por bom pronostico, loguo convidou ambolos Reys pera na Tenda Real de Alibohaçem, o dia que fosse a batalha, comerem com elle» (PINA, 1977: 445).

⁴⁹ PINA, 1977: 441.

⁵⁰ PINA, 1977: 450.

poder de gentes»⁵¹, aconselha Alibohaçem, em plena batalha, a ser prudente e a retirar-se, sendo mesmo quem detém o rei de Marrocos perante a sua anunciada desgraça. Ambos são vistos como homens sábios e prudentes. Porém, e apesar de muitos se inclinarem aos seus conselhos, a eles não dão ouvidos os reis de Granada e de Marrocos, originando a sua própria perdição.

Pelo que até aqui referimos, percebe-se que as descrições da velhice se limitam, neste conjunto de crónicas, a monarcas e cavaleiros. Não há referências a velhos entre os pobres e necessitados. Sempre que o cronista se refere aos beneficiários de ações de caridade, ou quando enumera os mais frágeis da sociedade, aponta os enfermos, as mulheres, os religiosos, os leprosos, os pobres, os aflitos, os cegos, e outros com problemas de vária ordem, mas nunca os velhos. É certo que na Idade Média chegar a velho estaria destinado a uma pequena minoria. Contudo, não será talvez esse o principal motivo explicativo desta ausência de referências, mas sim o facto de, conforme referimos no início, os mais velhos, numa sociedade que não conhece a idade da reforma, não constituírem propriamente uma categoria social ou um grupo à parte⁵². A omissão dos textos não traduz uma inexistência destas pessoas, mas sim a sua diluição na massa informe das várias classificações de necessitados. Estes resultados estão, aliás, em linha com o que também Georges Minois observou em diferentes fontes europeias para a Idade Média, e a propósito das quais constatou, na sua *História da velhice no Ocidente*, a dificuldade de estudar a condição dos mais velhos entre as classes mais desfavorecidas desta época, considerando que o assunto «pertence à história mais geral da pobreza»⁵³.

Mesmo entre as representações presentes nas crónicas em estudo, apenas temos as de personagens que se mantêm ativas ou que de algum modo se destacam na sua velhice, encarnando atributos associados a esta fase da vida. Todas representam um determinado papel na narrativa e nenhuma surge por acaso. Sobre as várias figuras a que o cronista aponta o caminho dos mosteiros e conventos, e mesmo quando nos indica as que aí terminaram santamente a sua vida, pouco ficamos a saber, por muitos anos que possam ter vivido. Ainda assim, o cronista dá-nos sinais de como a velhice pode ser positiva ou vantajosa face a outras idades da vida, mesmo que dentro dos estereótipos que apresenta. Por exemplo, uma das grandes vantagens de se morrer velho é poder preparar a morte, e isto vemos em boa parte das personagens retratadas, seja através da escrita do testamento, da escolha do local de sepulcro, da possibilidade de receber todos os Sacramentos, entre outros aspetos. Pelo contrário, no que respeita à morte de pessoas ainda *muy moças*, *mancebas* ou jovens, essa preparação não é referida, presumindo-se que possa não acontecer. A este propósito, já Cícero,

⁵¹ PINA, 1977: 450.

⁵² MINOIS, 1999: 174.

⁵³ MINOIS, 1999: 174.

no seu tratado *De Senectute*, fazia contrastar a violência da morte na juventude com a naturalidade da mesma na velhice, comparando o final da vida ao avistamento de terra ou à chegada a um porto após longa navegação⁵⁴. Ao longo da Idade Média, a obra de Cícero é recuperada por diferentes autores cristãos⁵⁵, e o caminho até ao porto converte-se no caminho da entrega da alma a Deus, de quem espera o fim da vida e prepara a sua salvação.

De resto, são vários os modelos medievais, e alguns até de épocas anteriores, subjacentes a estas representações. Delas nos parece indissociável, nomeadamente, uma certa imagem ligada à prudência, ao bom conselho e à sabedoria, presente até em personagens que enquanto jovens merecem duras críticas, como D. Afonso IV, e em alusões relativas aos benefícios da passagem do tempo sobre os comportamentos pessoais⁵⁶. A relação entre as representações da velhice e da sabedoria na Idade Média é, de facto, conhecida, tendo o assunto merecido já diversos estudos para diferentes obras⁵⁷. A par da sabedoria anda o conhecimento e a memória das coisas antigas, de que também os mais velhos são guardiões, daí advindo a força do seu testemunho, do seu vaticínio e do seu conselho nos momentos mais críticos⁵⁸.

Considerando o rol das personagens já descritas, não caímos em erro ao constatar também a existência de uma forte valorização do velho guerreiro. Para além dos monarcas que combatem até tarde, foram salientados quatro guerreiros cristãos e dois muçulmanos. A alguns, nomeadamente a D. João Manuel e aos *mouros* Anrife e Alcarás, as descrições são perentórias em atribuir-lhes a plena posse do poder e vigor, não obstante serem já *velhos*. Mais, a estes e a outros dos velhos guerreiros mencionados se aliam a experiência, a sabedoria e o bom conselho. A velhice, portanto, não é vista como negativa; pelo contrário, mantendo o vigor de guerreiros sem idade, recebem ainda os *dons* desta fase da vida. A própria rainha D. Isabel, não sendo guerreira, inscreve-se perfeitamente nesta aura muito respeitosa face à velhice e de valorização dos atributos que lhe estão associados. No final da vida, para além da energia, ponderação e influência que ainda demonstra, atinge porventura o auge de um carácter quase *sobre-humano*⁵⁹, ao vencer a lei natural da decomposição dos corpos e operando vários milagres após a morte.

⁵⁴ CICERÓN, 2006: 196-197.

⁵⁵ Cf. MONGE MARIGORTA, 2006: 132. Cf. também a referência feita a *De Senectute* em OLSEN, 2006: 31. Cícero é, aliás, uma das principais referências de Dante quando escreve sobre as últimas fases da vida.

⁵⁶ Cf. PINA, 1977: 357.

⁵⁷ Note-se, por exemplo, a proporção de comunicações que associam a velhice e a sabedoria apresentadas ao colóquio *Viellisse et vieillissement au moyen-age* (*Viellisse...*, 1987).

⁵⁸ Já Dante, em *Convivio*, escrevia sobre a *senectude*: «Conviensi adunque essere prudente, cioè savio: e a ciò essere si richiede buona memoria de le vedute cose, buona conoscenza de le presenti e buona provedenza de le future» (ALIGHIERI, 1952: 352-353).

⁵⁹ A escolha desta expressão deve-se a uma frase de Rui de Pina que, sobre a rainha D. Isabel, diz: «e assi teve outras muitas, e muy singulares virtudes, com que pareceo que venceo suas forças humanas» (PINA, 1977: 231); itálicos nossos.

Se existe algum elemento crítico apontado à velhice, não podemos dizer, a partir destas crónicas, que esteja associado a um ideal estético ou a uma fealdade física, mas antes à doença e ao sofrimento do corpo — e aqui nem os monarcas escapam, por mais grandiosos que sejam. Diz-nos o cronista que D. Afonso Henriques, apesar de todos os seus feitos, aos 84 anos, caso cavalgasse, incorreria em certos «emcōvenientes de sua honra»⁶⁰, e que aos 90 anos a carne, por sua fraqueza e grande velhice, «jáa bem nom podia obedecer ha bondade, e viveza de seu espirito»⁶¹. D. Beatriz socorre seu pai, Afonso X de Castela, no final da vida, nas «aversidades e infortunios»⁶² de que padecia, «sem ho nunca leyxar atée ora da morte»⁶³. E também D. Afonso III, D. Dinis, D. Isabel e D. Afonso IV constituem exemplos de um final de vida marcado pelas «grandes infirmidades»⁶⁴, pela «doença mortal»⁶⁵ e pelas suas «dores, e payxoens»⁶⁶. De resto, e mesmo sendo este um fardo bastante pesado, a velhice apresenta-se respeitável e em geral associada aos atributos positivos que até aqui temos vindo a referir, dentro dos estereótipos da época, portanto. O problema é que fora destes estereótipos não há velhice, o que, como sabemos, não corresponde à realidade vivida. Simplesmente, a velhice real, ou pelo menos a velhice tal como hoje a entendemos, talvez não tenha lugar nestes textos.

A obra cronística analisada reflete os modelos do seu tempo. No entanto, importa perceber até que ponto esses modelos resultam da composição do cronista, ou se vêm já de trás, estando também nas fontes pelo mesmo utilizadas — até porque o próprio Rui de Pina já não seria nada novo quando trabalhou neste conjunto de crónicas. Este é parte do trabalho que esperamos desenvolver ao longo dos próximos tempos. Importaria igualmente analisar as restantes crónicas atribuídas a Rui de Pina, pois também aí detetámos já vários exemplos merecedores de atenção. Obteríamos, assim, uma visão mais completa sobre o tema da velhice na obra deste cronista, com os seus pontos em comum e as suas eventuais variações. Esperamos poder fazê-lo, quem sabe, numa próxima oportunidade ou num próximo colóquio dedicado ao tema.

⁶⁰ PINA, 1977: 19.

⁶¹ PINA, 1977: 24.

⁶² PINA, 1977: 232-233.

⁶³ PINA, 1977: 233.

⁶⁴ PINA, 1977: 309.

⁶⁵ PINA, 1977: 468.

⁶⁶ Expressão utilizada para dois monarcas diferentes: Cf. PINA, 1977: 201 e PINA, 1977: 309.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

- ALIGHIERI, Dante (1952). *Convivio*. Milano: Rizzoli Editore.
- CICERÓN, Marco Tulio (2006). *De Senectute*. Madrid: Editorial Triacastela.
- DOM DUARTE, Rei de Portugal (1999). *Leal conselheiro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- DOM PEDRO, Condestável de Portugal (1975). *Obras completas do Condestável Dom Pedro de Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ISIDORO DE SEVILHA, Santo (1985). *Etymologiarum siue originum*. Oxonii: Typographeo Clarendoniano. 2 tomos.
- PINA, Rui de (1977). *Crónicas de Rui de Pina*. Porto: Lello & Irmão.

Bibliografia

- ALMEIDA, M. Lopes de (1977). *Introdução*. In PINA, Rui de. *Crónicas de Rui de Pina*. Porto: Lello & Irmão, pp. V-XXIII.
- BEAUVOIR, Simone de (1979). *La vieillesse*. Paris: Gallimard.
- MINOIS, Georges (1999). *História da velhice no Ocidente: da Antiguidade ao Renascimento*. Trad. de Serafim Ferreira. Lisboa: Teorema.
- MONGE MARIGORTA, José Antonio (2006). *Cicerón: vida y obra*. In CICERÓN, Marco Tulio. *De Senectute*. Madrid: Editorial Triacastela, pp. 83-133.
- MOREIRA, Filipe Alves (2013). *A Crónica de Portugal de 1419: fontes, estratégias e posteridade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- OLSEN, Birger Munk (2006). *L'esprit critique à l'égard de la littérature païenne au Moyen Âge, jusqu'au XII^e siècle*. In CHAZAN, Mireille; DAHAN, Gilbert, ed. *La Méthode critique au Moyen Âge*. Turnhout: Brepols, pp. 27-45.
- PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor (2005). *D. Dinis*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- VIEILLESSE et vieillissement au moyen-âge*. Aix-en-Provence: Université de Provence, 1987.

